

O BICHO ERA VALENTE MESMO: O CINQUENTENÁRIO DA INVASÃO DE LAMPIÃO A MOSSORÓ E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA OFICIAL DA RESISTÊNCIA (1927-1977).

MARCÍLIO LIMA FALCÃO¹

Em 1977, nos cinquenta anos da invasão dos cangaceiros a Mossoró, o Jornal *O Mossoroense* organizou a coluna “Lampião em Mossoró”, assinada por Lauro da Escóssia. Seriam organizadas dezessete reportagens sobre os acontecimentos envolvendo os cangaceiros chefiados por Lampião e os mossoroenses. A atitude do jornal faz parte da proposta dos dirigentes locais² no intuito de organizar as comemorações da vitória diante dos cangaceiros.

Assim, pensar nas comemorações da resistência aos cangaceiros, antes de tudo, era pensar nas estratégias para atrair a população a participar das comemorações. Na perspectiva de consolidar a imagem de Mossoró como “cidade da resistência” no cenário regional, a preparação das comemorações foi permeada pelas parcerias feitas entre a Prefeitura Municipal de Mossoró com a Igreja Católica e o Colégio Diocesano Santa Luzia.

Quanto à circulação das narrativas a partir do jornal *O Mossoroense* (na década de 1970), era necessário que as novas gerações conhecessem os acontecimentos que culminaram na resistência e absorvessem as narrativas do jornal como verdadeiras.³ Os organizadores das comemorações utilizam o passado como forma de aproximar as pessoas dos acontecimentos do presente. O passado surgia “como meio de combate contra a amnésia colectiva, ou melhor, como forma de luta pela produção (e

¹ Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorando em História Social na Universidade de São Paulo (USP).

² João Newton da Escóssia (Prefeito Municipal de Mossoró), Lauro Monte Filho, Lauro da Escóssia (Diretor do Jornal *O Mossoroense*), Júlio Rosado, Manuel Leonardo Nogueira, Dorian Jorge Freire (jornalista), Pe. Sátiro Cavalcante Dantas e Elder Heronildes da Silva (Reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte).

³ Debatendo sobre essa questão, Halbwachs comenta: para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstituída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter lembrança. É preciso que essa reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros. (HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006)

reprodução) de uma nova memória, assim elevada a uma espécie de garantia da necessária articulação entre passado, o presente e futuro”. (CATROGA,2005:109)

Tanto os jornais como a literatura disponível sobre a temática na década de 1970 são importantes para a massificação dessas memórias, uma vez que os jornalistas e escritores recorriam às lembranças sobre os acontecimentos de junho de 1927 como forma de escrever sobre o acontecimento.

Como organizador da coluna “Lampião em Mossoró”, Lauro da Escóssia selecionou lembranças da resistência. Essas lembranças circularam na cidade e influenciaram leituras, apropriações e interpretações sobre os acontecimentos que afligiram os cidadãos por conta da presença dos cangaceiros nas terras potiguares e se tornaram o padrão para a uniformização de uma memória que se propõe oficial.

As passagens lembradas pelo jornalista sobre fragmentos da vida cotidiana de Mossoró (1927) eram lançadas à população local como formas de sensibilizar os leitores sobre a importância da vitória naquele contexto e a necessidade de comemorá-la no presente. A coluna tem como função pedagógica a promoção de uma identificação histórica a partir das narrativas sobre a resistência e essa função se alarga ao longo do evento comemorativo a ponto das encenações referentes ao ataque terem como base as narrativas presentes no jornal O Mossoroense. Assim, o ato de comemorar a vitória dos mossoroenses contra os cangaceiros também se constituiu em momento de reinterpretação dos posicionamentos tidos no ano de 1927. Repensava-se em tudo dobre a invasão dos cangaceiros e nesse processo o que chegava a redação e tinha autoridade de ser impresso no jornal era os fragmentos do passado selecionado por Lauro da Escóssia.

Na edição de 15 de maio de 1977, os comentários foram relacionados ao cotidiano da cidade e as reações diante da possibilidade do ataque.

A vida social da cidade não vinha sofrendo solução de continuidade. Tanto que, dia 12 daquele mês, realizava o Humaitá Futebol Clube uma de suas elegantes festas dançantes na residência do Sr. Humberto de Aragão Mendes, prédio em que hoje reside a viúva do Dr. Lavoisier Maia à Rua Souza Machado, festa esta em que era exigida indumentária branca a rigor para os cavaleiros, enquanto as senhorinhas e senhoras se apresentavam com elegantes vestidos azul e branco. E quando melhor se encontrava a festa em seu auge de animação, começaram a circular boatos alarmantes: Lampião atacou a vila de São Sebastião (hoje Governador Dix-sept Rosado), incendiando um vagão da Estrada de Ferro com algodão e

depredando a estação ferroviária. O povo fugiu de suas residências, diziam os boatos, refugiando-se em sítios e matos distantes.

Estas e outras notícias haviam sido transmitidas pelo chefe da estação ferroviária daquela vila, Sr. Aristides de Freitas, que conseguiu fugir em um “trolley” nos instantes em que o bando sinistro penetrava na vila. Alguns dos participantes da imponente festa, inclusive os diretores daquele clube esportivo procuraram dissuadir os alarmes, enquanto pais de famílias já se mobilizavam em busca de suas filhas para a retirada da cidade. O apito da locomotiva da ferrovia suplantava o pânico dos mossoroenses. Os trens começavam a se movimentar conduzindo família e quantos quisessem fugir de Mossoró para Areia Branca. (O MOSSOROENSE. 15-05-1977)

A referência às festas dançantes organizadas pelo Clube Humaitá é utilizada por Lauro como forma de causar impactos nos leitores da década de 1970 sobre as consequências da invasão nos ânimos dos mossoroense. A persistência em demarcar os espaços onde ocorriam esses eventos que congregavam parte dos potentados da cidade, e sua preocupação em apresentar esses espaços no presente, demonstra a busca em aproximar os lugares da cidade nos anos de 1920 aos lugares da cidade nos anos de 1970. Essa produção e elucidação dos antigos e novos espaços da cidade apresentados pela coluna visa aproximar as experiências da população desse período com os lugares que serviram como referências, e que ficaram na memória do jornalista, bem como construir um lugar para as mesmas no presente. É nesse sentido que Lauro utilizava momentos marcantes para sensibilizar os contemporâneos sobre os acontecimentos de 1927 e achava por bem publicizá-los por conta da necessidade de certos episódios relacionados à resistência serem lembrados.⁴

No terceiro artigo da coluna, intitulado “Dia D”, são narrados os principais momentos e detalhes da resistência:

Lampião penetrou com um grupo no prédio da União dos Artistas fazendo cerrado tiroteio entre a trincheira da Estrada de Ferro, onde estavam Saboinha, muitos funcionários da ferrovia e outros defensores. Outro grupo chefiado por Sabino, lugar tenente de Lampião e do qual faziam parte Jararaca, Colchete e vários bandidos, passou a guerrear nas imediações da residência do prefeito Rodolfo Fernandes, na Avenida Alberto Maranhão. Este grupo ficou na mira dos fuzis dos que estavam na torre de São Vicente, de onde partiram, ao que se admite, os projéteis que mataram Colchete com

⁴ Para Paul Ricoeur “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos a lembrança.” (RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.p. 26). O que estava sendo publicado em *O Mossoroense* eram reportagens da década de 1920 (memória), mas entrelaçadas de lembranças de Lauro da Escóssia a partir de suas experiências e percepções sobre o passado.

profundo ferimento sobre o olho esquerdo, arrancando-lhe parte do cérebro, isto na esquina da residência do Sr. Antonio Ferreira Neto, e feriram gravemente ao seu companheiro Jararaca, com um tiro no peito, alcançando-lhe o pulmão, quando este procurava “desarvorar” aquele seu colega abrindo-lhe a camisa e retirando-lhe seus pertences e armas. Jararaca foi ainda atingido por uma segunda bala que se alojou numa de suas pernas. Jararaca, de punhal na mão, quis romper a fuzilaria que vinha do parapeito da casa do Prefeito Rodolfo Fernandes, procurando transpor os fardos de algodão defronte aquela residência, para uma luta corpo a corpo com os defensores da cidade. Não conseguiu e já de regresso desse frustrado intento foi atingido mortalmente. (O MOSSOROENSE. 17-05-1977)

Os detalhes que o jornalista apresenta são impressionantes e dão uma noção de como a resistência aconteceu. Os cangaceiros não esperavam tal resistência e não conheciam a área urbana da cidade. As ruas citadas, os posicionamentos estratégicos dos mossoroenses e os lugares que os cangaceiros estavam dão a entender que Lauro presenciou tudo de um lugar especial, mas era preciso construir esses lugares, esses momentos, pois a narrativa apresenta o passado e as peculiaridades referentes a ele como recurso de aproximar os leitores da memória sobre a cidade. Essa recordação produzida na coluna dá a entender que o ataque de Lampião a Mossoró foi apreendido por Lauro da Escóssia como algo que não pode ficar afastado do presente da cidade e que a população deve conhecer as narrativas sobre o passado da cidade para exaltá-la e um dos primeiros momentos desse objetivo ocorre no ato da comemoração do cinquentenário.

Nessas comemorações um dos cangaceiros mais citado é Jararaca. O jornalista começa narrando as ações do cangaceiro para despojar⁵ o companheiro Colchete (morto em combate). Mesmo ferido, Jararaca tentou realizar o trabalho de abrir a trincheira para os outros, mas não obteve sucesso, devido aos graves ferimentos saiu “rastejando na escuridão da noite até atingir a via férrea,”⁶ onde conseguiu se esconder.

Nota-se que as narrativas (por serem sequenciais) criam expectativas sobre os próximos temas. Isso empolgava a leitura de cada texto e deixava curiosidade sobre os seguintes. A narrativa sobre Jararaca vai ganhando sentido na medida em que trazem os novos posicionamentos de Lauro da Escóssia a respeito do cangaceiro.

⁵ Era uma prática no cangaço despojar o companheiro que estava morto. Primeiro para que a polícia não conhecesse a identidade do bandido, segundo para retirar do morto os seus pertences.

⁶ O Mossoroense – 18-05-1977.

As atitudes de Lauro da Escóssia em ressignificar acontecimentos relacionados à resistência mossoroense, colocando Jararaca nas narrativas das comemorações do cinquentenário como cangaceiro, é pensar no outro (o cangaceiro Jararaca) quando o outro não existe. Jararaca não é mais o perigoso cangaceiro, mas uma imagem que remete a lembrança do cangaceiro como cruel ou como homem que foi morto sem direito a defesa (mal morrer), um injustiçado. Para termos noção dessa situação, no dia 25 de maio de 1977, a coluna “Lampião em Mossoró” cita detalhes sobre a morte de Jararaca e sobre as “constantes romarias de fiéis que fazem preces e pedem sua intercessão.” Além disso, pergunta ao leitor: estaria Jararaca salvo? (O MOSSOROENSE. 25-05-1977)

Ao lançar questionamentos sobre as peculiaridades da trajetória de Jararaca em Mossoró, *O Mossoroense* contribuía para fomentar as discussões nos espaços da cidade, mesmo porque os artigos da coluna continuariam divulgando que Jararaca “sob algemas e ainda vivo foi jogado na cova em que ainda permanece levando consigo um rol de atrocidades cometidas na vida do cangaço”. (O MOSSOROENSE. 08-06-1977). Essas matérias foram utilizadas como material para a realização de atividades artísticas nas escolas (Escola 13 de Junho e Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró) que, ao longo da década de 1970 se transformaram na base para os espetáculos públicos organizados pela Prefeitura Municipal de Mossoró.

Assim, as narrativas sobre o ataque dos cangaceiros a Mossoró que eram impressas na “Coluna Lampião em Mossoró” chegavam aos estudantes por meio de outras formas de circulação como foi o caso do teatro, música e literatura de cordel.

As encenações teatrais e o vestibular da canção (concurso de música, organizado no Colégio Diocesano Santa Luzia) abordavam a temática da invasão de Lampião a Mossoró. Do Colégio Diocesano ao pátio da Igreja, as encenações ganharam a rua e para comemorar a resistência, para constituir uma memória oficial sobre os acontecimentos de 1927.

As comemorações do cinquentenário motivaram os jornais do Estado a exaltar a resistência, com a publicação de sucessivas edições sobre a “audaciosa investida do terrível chefe do cangaço, além de realçar a bravura do povo mossoroense de pegar em armas para repelir, como fez tamanha afronta a sua soberania”. (O MOSSOROENSE. 26-05-1977)

A proposta era divulgar o que estivesse disponível nas mãos dos organizadores, como os escritos de Padre Mota sobre Jararaca,⁷ e refutar o que fosse contrário à comemoração, como o posicionamento do jornalista Woden Madruga, ao dizer que “esse negócio de Lampião em Mossoró está ficando chato. Já era chato. Está ficando mais” (TRIBUNA DO NORTE. 07-06-1977) Em resposta, Jaime Hipólito Dantas (também jornalista) conclama: “Mossoroenses de 1977, uni-vos e não leiais, nunca mais, o natalense Woden Madruga”. (O MOSSOROENSE. 08-06-1977) A resposta nos moldes propostos pela comemoração, isto é, como busca pela identidade local, momento em que a população da cidade se identificaria pelo passado.

Os festejos do cinquentenário da invasão dos cangaceiros a Mossoró deixaram visíveis as intenções das autoridades locais e estaduais em promover o desenvolvimento do turismo. Isso era possível porque o popular passou a ser visto como algo exótico e que poderia ser apresentado como forma de mercadoria. Sobre essa questão, Ana Amélia Rodrigues de Oliveira afirma que, desde os anos de 1920, os intelectuais estavam interessados pelas pesquisas sobre a cultura popular e que a luta para o reconhecimento dos estudos folclóricos era uma preocupação de intelectuais, como “Amadeu Amaral, Mário de Andrade, Câmara Cascudo e outros”. (OLIVEIRA, 2008:135)

Para se ter uma ideia das preocupações dos folcloristas em estudar o que chamavam de popular, Câmara Cascudo, ao escrever *Flor dos Romances Trágicos*, procurou imprimir novos rumos aos estudos folclóricos relacionados à temática do cangaço. Seus estudos sobre Lampião e Jararaca, principalmente pela literatura de cordel e das análises de folcloristas, como Leonardo Mota, ajuda-nos a entender a transformação do cangaço e do cangaceiro na perspectiva dos estudos folclóricos. Lampião, por exemplo, deixou de ser caso de polícia e passou a ser um caso folclórico. Isso nos faz entender por que a cultura popular deveria ser “censurada para ser estuda” (CERTEAU, 1995:55) e, posteriormente, utilizada como mercadoria dentro da lógica do turismo. É o que se percebe na fabricação de objetos (pinturas e imagens de cangaceiros feitas em cerâmica), que lotam as lojinhas dos memoriais e museus.

⁷ Segundo Padre Mota, Jararaca, ao ser “denunciado, foi preso no dia seguinte e confessado, foi justificado dias depois”. (Livro de Tombo da Paróquia de Santa Luzia – fl. 51. 1927).

Nessas circunstâncias, é possível pensarmos que os usos do passado, além de variarem temporalmente, apontam-nos (no caso do popular) um uso pautado em uma estratégia: o Estado em querer, na construção de uma comemoração, produzir uma memória oficial sobre o acontecimento e ao mesmo tempo propor políticas para o incremento do turismo.

O objetivo era divulgar, em todo o Estado, as comemorações, lançando-as no calendário cívico municipal. As comemorações foram realizadas entre os dias 07 e 13 de junho e propunham, além da consolidação da “cidade da resistência”, o fomento do turismo, como bem mostrou o artigo “Lampião e o nascente turismo em Mossoró”, onde Júlio Rosado defende a necessidade de viabilização e expansão do folclore na cidade, alegando que as parcerias montadas com as universidades (UFRN/URRN), instituições culturais (GAM/Fundação José Augusto) e profissionais ligados à cultura popular (como Veríssimo de Melo e Tarcísio Gurgel) se constituem em “esforço dos mossoroenses através de suas entidades representativas, em que se destaca a Assessoria de Turismo Municipal, dirigida pelo teatrólogo Lauro Monte Filho, para que a alternativa do desenvolvimento pelo turismo seja implantada também”. (O MOSSOROENSE. 11-06-1977) Como se percebe pelo artigo acima citado, a preocupação com o turismo estava na pauta do governo de Tarcísio Maia (1975-1979) e, entre as formas de viabilizá-lo, enquanto atividade econômica estava a utilização do passado por meio da realização de comemorações. Assim, a luta contra os cangaceiros em Mossoró era apontada como um acontecimento da história da cidade que contemplava a proposta de desenvolvimento turístico.

Foi com essas iniciativas que as comemorações seriam associadas ao turismo e viabilizaria a política dos espetáculos em Mossoró. Dessa maneira, as comemorações (como o cinquentenário) instituíam festas, calendário cívico e presentificavam o passado conforme interesses das autoridades locais.

O Mossoroense foi o responsável pela cobertura completa do evento. A programação era divulgada diariamente e contava com atividades musicais e teatrais sobre a temática do evento. A presença das autoridades estaduais (governador e secretários de Estado) foi uma tônica durante a semana, prova de que as autoridades

locais articularam essas presenças com o objetivo de dar consistência política ao evento, e demonstrar a viabilidade do turismo na cidade.

Observando a “Programação Comemorativa ao Cinquentenário da Resistência Cívica da Cidade de Mossoró ao Bando de Lampião,” percebe-se que, desde a abertura, no dia 07 de junho até o dia 13, as atividades e realizações culturais existentes estavam pautadas em celebrar a importância da resistência aos cangaceiros como uma forma de reforçar as atividades turísticas da cidade.

Entre as atividades culturais da semana, estava o lançamento do livro *Cangaço, Recordações do Ataque*, de Gilbamar de Carvalho, no qual apresentava os caminhos dos cangaceiros até a invasão a Mossoró, bem como as lembranças dos contemporâneos sobre a resistência. Também na programação, estava a apresentação dos cantores José Alves e Antônio Dias, patrocinados pela Fundação José Augusto⁸; do Grupo Folclórico Boi Calenba, do Xaxado da Paraíba, patrocinado pela EMPROTURN; os concursos de música, organizados no Colégio Diocesano Santa Luzia; a exposição do desenhista natalense Eliphos Levi Bulhões, na Galeria de Arte Mossoroense, do jornal “O Mossoroense”, promoção da Universidade Federal do RN, Universidade Regional do RN e Prefeitura Municipal de Mossoró; a 1ª Apresentação do Espetáculo da Resistência, original de Tarcísio Gurgel, direção de Carlos Furtado, promoção do Centro Mossoroense Esportivo e Cultural de Natal; e o debate sobre a Invasão de Lampião a Mossoró, cujo debatedor foi o professor Raimundo Nonato da Silva.

O dia 13 de junho de 1977 começou com uma Alvorada, realizada pelas Bandas de Música Municipal e da Polícia Militar. Às oito horas, Padre Sátiro Cavalcanti Dantas celebrou, na Capela de São Vicente, uma missa em Ação de Graças. Às nove horas, houve visita, com aposição de flores, ao túmulo do Cel. Rodolfo Fernandes, com toque de Silêncio pelo Corneteiro da Polícia Militar. Encerrando os festejos, aconteceu uma Sessão Magna, com entrega de “Medalha da Resistência” pelo Prefeito João Newton da Escóssia e o Governador Tarcísio Maia, e apresentação do Espetáculo da Resistência.

⁸ A Fundação José Augusto Severo foi criada em 1963. Mantida pelo governo do Rio Grande do Norte, essa fundação “busca estimular, desenvolver, difundir as atividades culturais do Estado, bem como as manifestações de cultura popular.” http://fja.rn.gov.br/fja_site/index.asp – acesso em 17-012-2010.

Em mensagem à população durante a solenidade de abertura das comemorações do cinquentenário da invasão de Lampião a Mossoró, o prefeito João Newton da Escóssia esclarece os motivos que levaram a organizar as comemorações:

Quando nos propusemos a elaborar um programa para as comemorações do cinquentenário da resistência cívica deste município ao bando de “Lampião”, fizemo-lo com o propósito de enaltecer a cultura àqueles homens que arvoraram na bravura do civismo.

Entendemos que é no culto dos espíritos fortes, provados pelos embates da vida, que nos elevaremos à mesma grandeza de combatermos, quer seja contra a violência dos que nada têm a perder, e sim a destruir, quer seja para construirmos o futuro do indivíduo, da família e da comunidade.

É-nos grato, por dever e elevada compreensão, destacar, nestas comemorações, a figura ímpar de Rodolfo Fernandes. Àqueles que se somaram ao grande prefeito de 1927, na luta contra o chamado “rei do cangaço”, e que já faleceram, nossa homenagem póstuma. Aos que ainda vivem, nossa admiração e gratidão. Àqueles que hoje se doam à preservação da paz do povo, à participação dos programas de governo e à comunhão de sentimentos nobres e ações eficazes, nosso maior incentivo e apoio. (O MOSSOROENSE -12\13-06-1977)

Com esse discurso, o prefeito João Newton abre as comemorações, exaltando a importância dos resistentes e seus compromissos pelo bem da comunidade. Congratular os vivos e rememorar os mortos aparece como forma de efetuar a construção de um ritual cívico que transforma a cidade em espaço propício a uma memória oficial sobre a resistência. Ligar o presente ao passado como forma de identificar a cidade como lugar dos mais altos valores pregados pelo bem comum remete à imagética que, desde o século XIX, foi produzida sobre Mossoró como uma cidade rica e pacata. Esse discurso omite todos os conflitos existentes na cidade, deixando na penumbra das páginas dos jornais e das comemorações do cinquentenário as diferentes formas de vivenciar e apropriar as narrativas circulantes sobre os acontecimentos de 1927.

Observa-se que, nos primeiros dias de comemoração, as atividades estavam voltadas às “manifestações culturais locais” (cantadores de repentes, produções musicais pautadas na temática do cangaço e as danças folclóricas regionais) e as produções intelectuais presentes nos concursos de poesia, música do Colégio Diocesano e encenações da invasão dos cangaceiros à cidade de Mossoró. Essas atividades mobilizavam os alunos e seus familiares em encontros festivos no interior do Colégio. Essas encenações simulavam a resistência a partir das narrativas dos livros publicados

sobre o assunto (*Lampião em Mossoró* – 1953, de Raimundo Nonato; *Flor de Romances Trágicos* – 1966, de Câmara Cascudo e *Lampião, Cangaço e Nordeste* – 1970, de Aglae de Oliveira). Nessas apresentações, eram montados os cenários no auditório do Colégio Diocesano, e os alunos representavam as personagens envolvidas na trama.

Um dos organizadores dessas comemorações foi Padre Sático Cavalcante que nessa época era o diretor do Colégio Diocesano e Capelão da Igreja de São Vicente. Pe. Sático nos apresenta pontos relevantes dessas comemorações.

Quando Mossoró completou o primeiro centenário de município, eu disse: eu vou memorizar. Vamos materializar esse fato e fundei a Escola 13 de Junho. A Capela possuía uma casa, ali na Rua Romário (não sei o que), então eu fundei a escola que foi inaugurada no dia 31 de dezembro de 1970. No outro dia do primeiro centenário de Mossoró, e logo em 1971, ai não sei bastante, não sei se você viu no jornal referência a isso em 1971 – 72, mas também promovi um seminário sobre a entrada de Lampião. Um debate de mais de 4 horas e radiado pela emissora rural de Mossoró. Tive de trazer pessoas fidedignas, por exemplo: eu trouxe o Dr. Abel. Dr. Abel era o promotor da época, quando escreveu o bilhete a Lampião. Então, ele contou todo aquele fato que você conhece muito bem – o bilhete. Tava presente também o Sr. Tertuares. Tertuares era uma reserva moral de Mossoró. Era o venerável da Loja Maçônica 24 de junho, a mais antiga loja de Mossoró e também muitas outras pessoas, mas eu quero citar, principalmente, o cabo Batista. O cabo Batista era aposentado e estava bem velho. Ai, nessa época, ele narrou de uma maneira bem minuciosa como foi o enterro de Jararaca. Ele contou como Jararaca foi preso, como você conhece muito bem aquela entrevista de Lauro da Escóssia. Uma entrevista muito complexa, onde o jornalista devido sua curiosidade não aprofundou bastante, mas de qualquer maneira, hoje é um documento histórico de muito valor. João Batista falou que estava no cemitério quando chega o sargento com um guarda trazendo Jararaca algemado e, ao entrar, Jararaca viu o cemitério e disse: vocês me enganaram macacos. Vocês me enganaram! Vocês me disseram que iriam me levar para Natal, mas vocês vão é me matar! Isso alguém, o próprio sargento, dá uma coronhada de rifle ou fuzil no crânio de Jararaca e ele desmaia. Tiram do carro e arrastam até onde estava Batista, que esperava com outro. A cova já estava cavada. Ai, quando eles chegam o jogam na cova. Isso tudo foi contado por Batista e pelo cabo que estava presente. Jogaram Jararaca arquejando no buraco e um dos soldados disse: homem acabe de matar!

Não se faz isso com um cristão, mas o sargento disse: cale a boca! Não diga nada! Mossoró amanheceu o dia suspeitando, mas a versão oficial era que tinham levado para Natal. Isso despertou a curiosidade da população: levaram pra Natal ou mataram e enterraram? A população fez fila para visitar Jararaca na cadeia. A fila chegava longe. Tem até um fato interessante que o pai de Rafael Negreiros, Manuel Negreiros. Este chegou e disse: cangaceiro felá da puta... pra lá... não sei o que mais... não sei o que mais. Então Jararaca disse: o senhor não tem vergonha de insultar um homem algemado, seu covarde. O bicho era valente mesmo (risos)! Eram essas coisinhas que a população passou de ouvido a ouvido. Então, diz João

Batista que ele foi enterrado vivo e arquejando. Ai a cova ficou conhecida. A população descobriu que ele não foi levado para Natal. Como é uma tendência popular ficar sempre do lado da vítima, desde então, a população ficou a favor de Jararaca. Ai você pergunta: e Colchete? Porque Colchete também não ficou assim? A bem da verdade ninguém sabe qual foi o túmulo de Colchete e porque houve a ausência desse conhecimento? Não houve paixão do povo. Compaixão do povo só Jararaca, que foi realmente arrastado e caluniado. E teve essa morte, assim fria, né.⁹

Padre Sático fez um apanhado de suas principais realizações como diretor e Capelão da Igreja de São Vicente, bem como se coloca como um dos idealizadores desses marcos comemorativos. A partir de seu lugar social, constrói sua narrativa sobre seus feitos, enquanto padre e diretor do Colégio Diocesano, bem como mostra o quanto sua fala é construída com dados dos sujeitos que estiveram presentes no desfecho que levou a morte de Jararaca. Percebe-se que o eixo narrativo e as memórias de Pe. Sático sobre Jararaca surgiram a partir dos mesmos referenciais utilizados pelos memorialistas (Leonardo Mota, Raimundo Nonato e Raul Fernandes): as lembranças¹⁰ dos que estiveram presentes no cemitério ou que foram contemporâneos do acontecimento, sendo os referenciais temporais presentes em seu relato, marcados por uma cronologia (comemoração do centenário da cidade de Mossoró e do quinquentenário da invasão de Lampião, ambos respectivamente em 1970 e 1977) que apresenta “diferentes dimensões do tempo, e constituem a dinâmica das trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos da história. São os chamados tempos vivos, que comportam em si referenciais identitários” (DELGADO, 2010 :46) que ao serem lembrados, durante a produção dos documentos orais, expõem as experiências dos sujeitos no ato de lembrar , por meio de “referências documentais, que auxiliam a expressão das lembranças. São os chamados documentos significativos, que , muitas vezes, funcionam como ancoras no decorrer do processo narrativo”. (DELGADO, 2010:46)

⁹ DANTAS, Sático Cavalcante. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró, localizado a Praça Dom João Costa, nº 511, no Bairro Santo Antônio – Mossoró-RN. No dia 22/07/2009.

¹⁰ Para uma definição entre lembrança e memória, Astor Antônio Diehl defende que as lembranças podem ser apresentadas “como rastros e restos de experiências perdidas no tempo, como pegadas do passado, praticamente impossíveis de serem atualizadas historicamente. E quando, essas lembranças são atualizadas, correm o risco de ser idealizações de vivências, podendo até mesmo ser ponto de referência para romantizar o passado. (...) Já a memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente.” (DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação.** –Bauru, SP: EDUSC, 2002.p. 115-116).

Sua fala vai além das comemorações, pois narra a partir da lembrança das histórias do cabo Batista,¹¹ os detalhes da execução de Jararaca, como a população ficou sabendo da história e como construiu uma devoção em torno do túmulo de Jararaca. Enquanto padre, Sático evidencia as precauções que a Igreja mantém com esse tipo de devoção popular, porém busca para tal, uma justificativa ao afirmar que o “povo fica do lado da vítima” e comenta a importância do túmulo na construção dessa devoção, uma vez que o mesmo fenômeno não acontece com o cangaceiro Colchete por conta da não existência de uma marcação sepulcral, fato que reforça a importância do túmulo como lugar dos mortos e ponto de convergência entre o tempo sagrado e o mundo dos vivos.

Outro relato interessante é o de Raimunda Almeida, professora de história do Colégio Diocesano e organizadora de atividades escolares alusivas à invasão.

Um dos temas foi o Nordeste, dentro do Nordeste estava Lampião. Eu não tenho nenhuma cópia (das músicas) no momento, porque os meninos foram voltando e eu fui entregando, e infelizmente eu não guardei. Mas era a criatividade e o conhecimento da família que faziam com que o grupo realçasse as canções.¹²

Lampião surge, na fala de Raimunda Almeida, como um sujeito constituinte do que se convém chamar de Nordeste. Para Durval Muniz de Albuquerque, o Nordeste é uma “invenção imagético-discursiva” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001:49), construída em cima de um discurso regionalista e da constituição de tipos sociológicos, como o vaqueiro, o beato e o cangaceiro.

Em *A Invenção do Nordeste e outras artes*, o autor faz uma análise da construção do Nordeste como um discurso promovido pelas elites do final do século XIX, como forma de manutenção do poder em relação à emergência de outros centros de poder, basicamente no sul do país. Sua análise parte da construção de um discurso produzido a partir dos intelectuais que utilizaram a seca, o banditismo e o messianismo

¹¹ O Cabo Batista que Padre Sávio se refere, era o soldado João Batista do Nascimento que participou da operação que supostamente levaria Jararaca para Natal. Ele foi entrevistado por Raul Fernandes em 25 de dezembro de 1971.

¹² ALMEIDA, Raimunda. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró, no dia 10/08/2009. Nota-se que o conhecimento das famílias era importante não só para a produção das músicas, mas para consolidar na memória dos jovens certas narrativas que circulavam no seu espaço familiar. Eram memórias que circulavam nas conversas entre idosos e os mais jovens, muitas vezes contadas a partir das ações de certo membro da família que participou da resistência. Essa memória de família aparece nesses concursos musicais e fazem parte das comemorações como uma força muito grande, uma vez que os festivais musicais eram acompanhados das apresentações teatrais.

como fatores importantes para a “construção de um espaço fechado de poder, uma região capaz de garantir a manutenção da mesma hierarquia de poderes, bem como a dominação tradicional”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001:71) Foi caracterizando o Nordeste como pobre, violento e fanático que alguns intelectuais do final do XIX e início do século XX promoveram a emergência de uma imagem do Nordeste. Mas esse Nordeste construído pela literatura e outras artes (música e pintura) também chega às camadas populares por meio da literatura de cordel, uma vez que o discurso do cordel é um “difusor e cristalizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001:113)

A consolidação desse Nordeste rústico é de grande importância para a apropriação de seus sujeitos por parte do folclore. A professora Raimunda Almeida utiliza o tema Nordeste, porque este já se constitui, quando se olham os movimentos, como cangaço e beatismo, como um “espaço mítico” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001:117) e objeto de estudos dos folcloristas.

Se a escolha do tema era abrangente, o refinamento da temática se aproximava das memórias das famílias a respeito do ataque do bando de Lampião. No entanto, como expressou a professora Raimunda Almeida, o conteúdo das canções era resultado dessas memórias, que poderiam ser passadas pelos mais velhos aos jovens como forma de se manterem, no seio da família, as memórias dos participantes da resistência, ou como interpretação das leituras feitas dos trabalhos que versam sobre a invasão, como os livros de Raimundo Nonato e de Raul Fernandes. Estas obras foram as que mais circularam nas bibliotecas públicas e no Colégio Diocesano, sendo acessíveis aos jovens que frequentavam esses espaços.

Quanto às encenações, faziam parte das atividades programadas na disciplina de História e ganhou espaço nas comemorações do cinquentenário como espetáculo público realizado no adro da Igreja de São Vicente. De atividades pedagógicas a apresentações oficiais, essa trajetória permitiu aos trabalhos dos alunos do Diocesano um público maior e eclético.

Inseridos em uma programação que propunha enaltecer a imagem da resistência e de seus heróis, através das narrativas do passado glorioso de Mossoró, as atividades escolares interessavam aos organizadores, pois continham memórias que

trafegavam o interior dos lares das famílias mossoroenses. Segundo Raimunda Almeida, “era o ensino médio que organizava. O bando entrou na capelinha do Colégio. Nós levamos esse bando lá pra Igreja de São Vicente. Foi muito interessante, lá no patamar.”¹³ Foi interessante porque a atividade escolar ganhou aspecto de espetáculo que deveria emocionar e renovar a imagem da resistência heroica. Inseriam o espetáculo teatral como forma de aproximação do passado com o presente, como imagem que motivasse a inserção de Mossoró como cidade que valoriza a cultura e comemora as vitórias de seus homens e seus feitos gloriosos.

As encenações apresentavam desde a troca de bilhetes até o combate. Ao comentar sobre a distribuição dos personagens entre os alunos, Raimunda Almeida afirma que:

*Não tinha nenhum homem que quisesse ser Jararaca. Foi uma mulher que teve que ir. Uma menina, Meire. Ela foi a única que foi ser Jararaca, porque os meninos não queriam morrer de jeito nenhum. Não queriam não, sentiam-se mal. Naquele grupo ninguém queria ser Jararaca, mas todo mundo queria ser Lampião. Porque Jararaca foi condenado. Ele foi sofrido, injustiçado. Eles consideravam Jararaca injustiçado, não tinha como se defender, Lampião podia fugir. Lampião era o herói. Ninguém queria ser Jararaca!*¹⁴

O que distingue Jararaca de Lampião nessas memórias é a imagem do herói e do injustiçado. Lampião conseguiu fugir e suas histórias, muitas delas fantásticas, chegavam a esses meninos através de fragmentos do passado, expressos tanto na cantoria popular (oralidade), nos cordéis e nas memórias dos contemporâneos. Mas uma coisa distancia esses dois cangaceiros em Mossoró: a prisão e morte de Jararaca. A permanência de seu corpo na cidade fez com que sua trajetória fosse acessível a aqueles jovens, através das memórias presentes em suas famílias e por outros canais, como as obras que tratam do assunto, pelos jornais e durante o dia de finados, quando da visita a seus familiares, se defrontavam com os rumores das visitas ao túmulo de Jararaca. Sua trágica morte influenciava muito mais que sua vida de bandoleiro, nas decisões dos

¹³ ALMEIDA, Raimunda. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró no dia 10/08/2009.

¹⁴ ALMEIDA, Raimunda. Entrevista realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em Mossoró, no dia 10/08/2009.

jovens em não querer representá-lo. Ninguém quer uma morte trágica. Se o medo da morte é uma constante, maior é do mal morrer.

A senhora Raimunda Almeida deixa entender, em suas palavras, que as preocupações dos jovens nos momentos finais dos ensaios eram prementes no que diz respeito ao confronto com os cangaceiros, ocorrendo certa euforia durante a prisão de Jararaca: “nesse momento eles batiam palmas, porque Jararaca tinha sido vencido e ficavam comentando entre si como era que tinha sido mesmo?”¹⁵

Como o Colégio Diocesano de Santa Luzia tinha grande influência na educação da região Oeste do Rio Grande do Norte, “os novatos que não eram mossoroenses iam lá ao local para ver como tinha sido”¹⁶ o conflito com os cangaceiros. A frequência com que as narrativas no Diocesano, sobre a invasão, eram retomadas nas aulas de campo (Igreja de São Vicente) contribuiu para a curiosidade dos alunos.

A Igreja de São Vicente, com suas torres cravadas com as balas dos cangaceiros, sobrevive às reformas como prova material do ataque. Durante as comemorações, esse espaço foi utilizado para a realização dos espetáculos artísticos e motivou os dirigentes eclesiais a incentivarem as visitas dos alunos do colégio da diocese a esse espaço. A Igreja de São Vicente sai das comemorações do cinquentenário como um espaço onde a memória do ataque cede lugar para a memória da resistência. Debater sobre as diferenças entre a memória do ataque e a construção da memória da resistência passa pelos objetivos das comemorações, que, ao propor lembrar o ataque, os jornais preparavam as festividades para a resistência. Foi isso que levou o prefeito João Newton a começar seu discurso exaltando o espírito forte dos homens que enfrentaram os cangaceiros.

A visibilidade de Mossoró como cidade turística, a partir do uso do passado necessitava, expor os sujeitos envolvidos nesses acontecimentos. Cangaceiros e mossoroenses aparecem de formas distintas: no jornal, a visibilidade é dos cangaceiros, os quais tramam e realizam o ataque; nas festividades, a visibilidade passa para os “resistentes,” laureados pela memória gloriosa da vitória.

Por outro lado, as comemorações também incentivaram a produção de trabalhos como o folheto *13 de Junho de 1927*, do aluno universitário Aldivam

¹⁵ Id.

¹⁶ Ibid.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Honorato, que começa oferecendo o trabalho “à memória de Rodolfo Fernandes e a todos os que participaram do combate de 27”.(HONORATO, 1977:02) Esse folheto é um importante documento para entendermos o acesso às leituras sobre o cangaço e à invasão dos cangaceiros a Mossoró. Logo nas primeiras páginas, Aldivam comenta: “o trabalho só foi realizado graças à pesquisa junto à Biblioteca Municipal, onde encontrei material de primeira plana, consultando livros sobre o assunto, principalmente ‘A Entrada de Lampião em Mossoró’, de autoria do professor Raimundo Nonato”. (HONORATO, 1977:05) É peculiar como os folhetos de cordel reproduzem as narrativas constituídas pelos jornais e intelectuais a respeito dos cangaceiros em Mossoró. No folheto *13 de junho de 1927*, temos:

*Jararaca ao ser preso
E prestar depoimento
Forneceu nomes e dados
Sem nenhum ressentimento
De todos os companheiros
Do seu cruel regimento* (HONORATO, 1977:18)

Nota-se que o cordel faz circular as informações expressas na entrevista feita por Lauro da Escóssia. O cordel tem importância nessa circulação por que é acessível tanto na leitura como no preço à população mais pobre. Para Durval Muniz, “o cordel produz uma realidade nascida da reatualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001:113)

Em outra estrofe desse cordel, verifica-se a preocupação com a data da invasão:

*Assim, o 13 de junho
Faz parte de nossa história
Mostrando para o Nordeste
O nosso efeito de glória
Derrotando Lampião
Isto eu guardo na memória.*

*Numa prova de amor,
O povo se reuniu
E aos bravos mossoroenses
Num só bloco se uniu
Mostrando seu patriotismo
Ao bando repeliu.* (HONORATO, 1977:19)

É plausível que as produções do período das comemorações procurem dar ao dia 13 de Junho importância para a história local como forma de ressignificar os

acontecimentos pretéritos e aproximá-los do tempo presente. Esses versos mostram a eficácia das datas nas comemorações, funcionando como algo que tem significado na vida social da cidade e se faz necessário na relação com o tempo presente. Dessa forma, as comemorações agem e têm valor para a constituição ou consolidação dos interesses dos organizadores em colocar em prática suas propostas para a cidade.

Nessas comemorações, heróis e bandidos aparecem, sendo que, em muitos momentos, os bandidos têm mais visibilidade que os heróis, como é o caso atual das comemorações dos 13 de Junho em Mossoró. A visibilidade de Mossoró como cidade da resistência, através de seus espetáculos, remonta a década de 1970 e só foi possível pela imagética pejorativa que os cangaceiros carregavam.

As narrativas circularam pelos jornais e ganharam forma nos cordéis e encenações do dia 13 de junho. Os resistentes foram lembrados, Rodolfo Fernandes visitado em uma cerimônia necrorromântica. Os cangaceiros tiveram caminhos diferentes: os que conseguiram evacuar da cidade continuaram sua saga pelo sertão, mas os que ficaram na cidade são exemplos das diferentes formas de comportamento do homem diante da morte. Colchete, vítima do ataque, foi sepultado e esquecido, enquanto Jararaca fora preso e julgado sumariamente em condições adversas, mas continuou na memória dos vivos e reapareceu durante os festejos do cinquentenário da resistência de Mossoró ao ataque de Lampião evidenciando que para além da memória oficial que comemorações imprime em seus atos e lugares, existem outros atos e lugares que indicam outras narrativas e outros olhares sobre o ataque dos cangaceiros a Mossoró.

Referências Bibliográficas

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. – Fortaleza; Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005.
- OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **Juntar, Separar, Mostrar – memória e escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976)**. – Fortaleza: UFC, 2008. (Dissertação de Mestrado.)
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**; tradução de Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papiрус, 1995. (Coleção Travessia do Século).
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. – 2. Ed. – Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.
- HONORATO, Aldivan. **13 de Junho de 1927**. Mossoró. 1977. (Coleção Mossoroense. Série B – Folhetos. nº 122)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades.** – 2 ed. – Belo Horizonte: Autentica 2010.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação.** – Bauru, SP: EDUSC, 2002.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, Cangaço e Nordeste.** 3ª ed. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1970.

NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró.** 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v.1489. Série C, 2005. Coleção Mossoroense.

CASCUDO, Câmara. **Jararaca.** 2ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 2227. Série B. 2002. – Coleção Mossoroense.